

# FLUXO COMERCIAL DO BRASIL COM OS PAÍSES DO BRICS: UMA ANÁLISE DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO PERÍODO 2011 A 2023

*BRAZIL'S TRADE FLOW WITH BRICS COUNTRIES: AN ANALYSIS OF BRAZILIAN EXPORTS AND IMPORTS FROM 2011 TO 2023*

## AUTORIA

Giulia Thauane Conartoli  
Universidade Estadual de  
Maringá (UEM), Brasil  
ra133175@uem.com.br  
Helis Cristina Zanuto Andrade  
Santos  
UEM, Brasil  
hczasantos2@uem.com.br

## PALAVRAS-CHAVE

BRICS;  
Comércio Internacional;  
Brasil;

## KEYWORDS

BRICS;  
Trade;  
Brazil.

## JEL CODE

F10, F13, F19.

## ÁREA - 3

Macroeconomia, Economia  
Monetária, Finanças e Economia  
Internacional.

## RESUMO

O BRICS estrutura-se como uma aliança estratégica no cenário internacional, com crescente relevância econômica e comercial para o Brasil. O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a evolução do comércio internacional entre o Brasil e os demais países membros do BRICS (na composição com Rússia, China, Índia, África do Sul) no período de 2011 a 2023, observando as exportações, importações e os principais produtos comercializados pelo Brasil com cada um dos integrantes. A pesquisa utiliza abordagem quantitativa com dados estatísticos do Comex Stat e uma complementação bibliográfica para embasar a análise. Os resultados mostram crescimento expressivo do comércio com as economias parceiras, com destaque para o mercado chinês como principal parceiro. Conclui-se que, embora o BRICS seja relevante para a inserção internacional do Brasil, há forte concentração nas trocas com a China, o que sinaliza para a necessidade de diversificação comercial e fortalecimento das relações com os demais países do grupo.

## ABSTRACT

BRICS is structured as a strategic alliance on the international stage, with growing economic and commercial relevance for Brazil. The overall objective of this study is to analyze the evolution of international trade between Brazil and the other BRICS member countries (Russia, China, India, and South Africa) from 2011 to 2023, looking at exports, imports, and the main products traded by Brazil with each of the members. The research uses a quantitative approach with statistical data from Comex Stat and a bibliographic supplement to support the analysis. The results show significant growth in trade with partner economies, with the Chinese market standing out as the main partner. It is concluded that, although BRICS is relevant for Brazil's international integration, there is a strong concentration in trade with China, which points to the need for trade diversification and strengthening of relations with the other countries in the group.



This paper is Distributed Under  
the Terms of the Creative  
Commons Attribution 4.0  
International License

## 1 INTRODUÇÃO

O termo “BRIC” surgiu pela primeira vez em 2001, no artigo *Building Better Global Economic BRICs* do economista Jim O'Neill, que destacou o potencial de crescimento do Brasil, Rússia, Índia e China (O'Neill, 2001).

Criado inicialmente em 2006, com os até então BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), a aliança passou a incluir a África do Sul no ano de 2011, estabelecendo o acrônimo BRICS. A união configura um grupo de países que tem como essência fortalecer a cooperação econômica, política e social entre seus integrantes, almejando promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, alicerçado na sua atuação perante as instituições globais (BRICS, 2024).

Desde então, o grupo tem ampliado sua relevância no cenário internacional, tanto pelo peso econômico e demográfico de suas economias envolvidas, quanto pela crescente participação no comércio mundial. Em 2023, anunciou sua expansão incorporando novos países e reforçando sua posição como um dos principais polos de articulação global (BRICS, 2024).

A participação do Brasil no BRICS é uma estratégia de diversificar suas relações comerciais e ampliar sua inserção no cenário internacional. O comércio com os países da cooperação tem evidenciado uma trajetória de crescimento ao longo da última década, com notoriedade para a China que se firmou como o principal destino das exportações brasileiras e a maior origem das importações. De acordo com a análise de Santiago e Gajo (2024), essa integração permite ao país ampliar suas correntes de comércio, com destaque na relação Brasil-China, e reforçar sua posição como uma liderança regional.

Sob essa ótica, compreender a pauta comercial entre Brasil e BRICS revela-se como fundamental para avaliar o desempenho do agrupamento na estratégia econômica brasileira.

O presente artigo tem como objetivo geral analisar a evolução do comércio internacional entre o Brasil e os demais países membros do BRICS (considerando a composição com Rússia, China, Índia, África do Sul) no período de 2011 a 2023, observando as exportações, importações e os principais produtos comercializados pelo Brasil com cada um dos integrantes. O recorte temporal se justifica por dois motivos: em primeiro lugar, o ano de 2011 marca a entrada oficial da África do Sul no grupo, consolidando a configuração mais duradoura até então, e, em segundo lugar, o ano de 2023 precede a última expansão da organização, o que permite observar uma série histórica completa de doze anos.

Parte-se da hipótese de que, embora o bloco seja relevante para a inserção internacional do Brasil, o enfoque comercial apresenta forte concentração na China, enquanto os demais países mantêm participação secundária e especializada em setores específicos.

Nesse sentido, deve haver certa cautela com a situação brasileira, pois, como argumentam Molin, Castelli e Luz (2019), a interação no bloco do BRICS intensificou as trocas diplomáticas e a parceria com a China, parecendo ocorrer uma possível dependência do Brasil aos rumos políticos e econômicos chineses.

Para atender ao objetivo geral, a pesquisa adota uma abordagem combinada de análise quantitativa com um complemento bibliográfico teórico e empírico que

oferece suporte à análise da pesquisa. A coleta dos dados é feita com base no Comex Stat (2025), utilizando-se dos fluxos gerais de comércio e também dos principais produtos comercializados por meio da classificação do Sistema Harmonizado de quatro dígitos (SH4).

O estudo está estruturado em três seções, além desta introdução. A primeira expõe algumas teorias de comércio internacional e faz uma revisão de literatura empírica sobre o tema. A segunda apresenta uma visão geral do comércio brasileiro com o BRICS e sua relevância nesse comércio no período de 2011 a 2023. Em conjunto, observam-se de forma mais detalhada as relações comerciais entre Brasil e cada parceiro BRICS, destacando exportações, importações e principais produtos comercializados. Por fim, a última seção reúne as considerações finais, discutindo a análise e suas implicações da parceria multilateral para o Brasil.

## **2 ASPECTOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS ACERCA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL**

### **2.1 ALGUMAS DAS PRINCIPAIS TEORIAS DE COMÉRCIO INTERNACIONAL**

Ao abordar o comércio entre países, é necessário compreender sobre as teorias de comércio internacional, que foram desenvolvidas na tentativa de entender os mecanismos em que ocorrem as trocas comerciais entre as nações e reconhecer padrões que expliquem a dinâmica dos fluxos de importações e exportações. Essas teorias também permitem análises mais aprofundadas, como a de aplicação de tarifas, de formulação de políticas comerciais e de organização estratégica de um país visando maximizar seus ganhos. Dessa forma, as abordagens teóricas tornam-se essenciais para avaliar decisões relacionadas às transações internacionais e conduzir estratégias comerciais mais eficientes.

Uma das principais contribuições iniciais para a formulação das teorias de comércio internacional foi a de Adam Smith, rompendo com os pressupostos mercantilistas, em que Smith associava que a riqueza de uma nação estava ligada à sua capacidade de produzir e à liberdade dos indivíduos para perseguirem seus próprios interesses econômicos. Tal liberdade incentiva a troca voluntária entre indivíduos, bem como a especialização em bens e serviços. Assim, defendia que os países deveriam se especializar na produção de bens nos quais possuíam vantagem absoluta, que podiam ser produzidos com menor custo em relação aos outros países, e importar produtos em que outros fossem mais eficientes e tivessem vantagem absoluta. Essa lógica revelava benefícios mútuos, ou seja, um jogo de soma positiva (Appleyard; Field Junior; Cobb, 2010).

David Ricardo ampliou esse pensamento ao demonstrar que os ganhos comerciais não dependiam exclusivamente da vantagem absoluta. Apontou que mesmo que um país seja eficiente na produção de todos os bens individualmente, ele ainda pode se beneficiar com as trocas internacionais ao se especializar na produção do bem em que possui vantagem comparativa. Neste caso, deveria ser observado, então, o produto no qual ele tem eficiência relativa maior. Segundo ele, ao se especializar nos bens em que são mais eficientes relativamente, os países economizam tempo e aumentam sua capacidade de consumo. Para isso, seria

necessário observar a produtividade de todos os bens produzidos em todos os países simultaneamente (Appleyard; Field Junior; Cobb, 2010, 2010).

A teoria Ricardiana passou a prevalecer ao mostrar que, mesmo em cenários de desigualdades produtivas, dois países ainda podem comercializar entre si de forma vantajosa, servindo como base para entender o comércio entre nações. A teoria das vantagens comparativas prosseguiu como base para o desenvolvimento de outras teorias, como o modelo Heckscher-Ohlin-Samuelson (HOS). O modelo considera a abundância relativa dos fatores de produção e a intensidade com que esses fatores são utilizados na fabricação de bens. Ele mantém o princípio da vantagem comparativa como fundamento ao demonstrar que a quantidade relativa de recursos disponíveis também gera oportunidades de especialização e de ganhos mútuos com o comércio internacional (Krugman; Obstfeld; Melitz, 2015).

Essas são algumas formas teóricas utilizadas para compreender e classificar o padrão de comércio de um país. Diante da complexidade das relações econômicas internacionais, torna-se fundamental analisar com atenção o fluxo do que é comercializado, já que essa dinâmica revela não apenas as vantagens produtivas de cada nação, como também orienta em decisões estratégicas que impactam diretamente o desenvolvimento econômico e a inserção de um país no mercado mundial.

## 2.2 REVISÃO DE LITERATURA EMPÍRICA

Diante das teorias de comércio internacional e da complexidade que o fluxo comercial possui perante diferentes parceiros e tipos de produtos comercializados, a aplicação da literatura empírica pode ser bastante variada. Alguns exemplos de como essa temática tem sido abordada podem ser observados conforme os autores a seguir, que analisaram o papel do BRICS nas relações comerciais e diplomáticas do Brasil com os demais países do bloco.

Molin, Castelli e Luz (2019, investigaram como a criação e atuação conjunta do BRICS influenciou na aproximação diplomática entre Brasil e China. Para isso, as autoras utilizaram uma abordagem teórica e exploratória, analisando dados e contextos históricos, transmitindo um diferencial no estudo de enfoque diplomático e geopolítico das relações entre os países. A principal conclusão foi que a cooperação bilateral se intensificou com o BRICS. Também levantaram preocupações na relação sino-brasileira, que aponta sinais de alerta quanto à uma possível dependência do Brasil em relação às decisões políticas e econômicas chinesas.

Querino, Cruz e Calegario (2021) buscaram identificar os setores da economia brasileira que apresentam Vantagem Comparativa Revelada (VCR) em relação aos demais países do BRICS, além de apontar quais fatores produtivos devem ser ampliados para manter essa vantagem. O estudo se diferenciou pela utilização de uma metodologia que empregou três indicadores principais para a análise: o Índice VCR, o Índice de Esforço Exportador (IEE) e o Coeficiente de Dependência das Importações (CDI). A pesquisa mostra que os setores que mais impulsionam as exportações brasileiras em relação aos países do BRICS são os de produtos animais, alimentos, matérias-primas, transporte, vegetais e madeira. E que esses setores se

destacam porque o Brasil tem muitos recursos naturais e consegue produzir em larga escala, o que favorece sua vantagem comparativa revelada.

Por fim, Santiago e Gajo (2024) analisaram o impacto da participação do BRICS na economia nacional, descrevendo o papel do agrupamento e sua dinâmica comercial. Para examinar a influência dos membros do bloco no comércio brasileiro, utilizaram uma metodologia qualitativa e descritiva, com dados coletados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e do Comex Stat. Concluíram que a atuação no BRICS fortalece a economia brasileira, amplia o acesso à novos mercados, contribui para um crescimento mais sustentável e a um papel mais relevante para o Brasil no cenário internacional.

### **3 ANÁLISE COMERCIAL DO BRASIL COM OS DEMAIS MEMBROS DO BRICS**

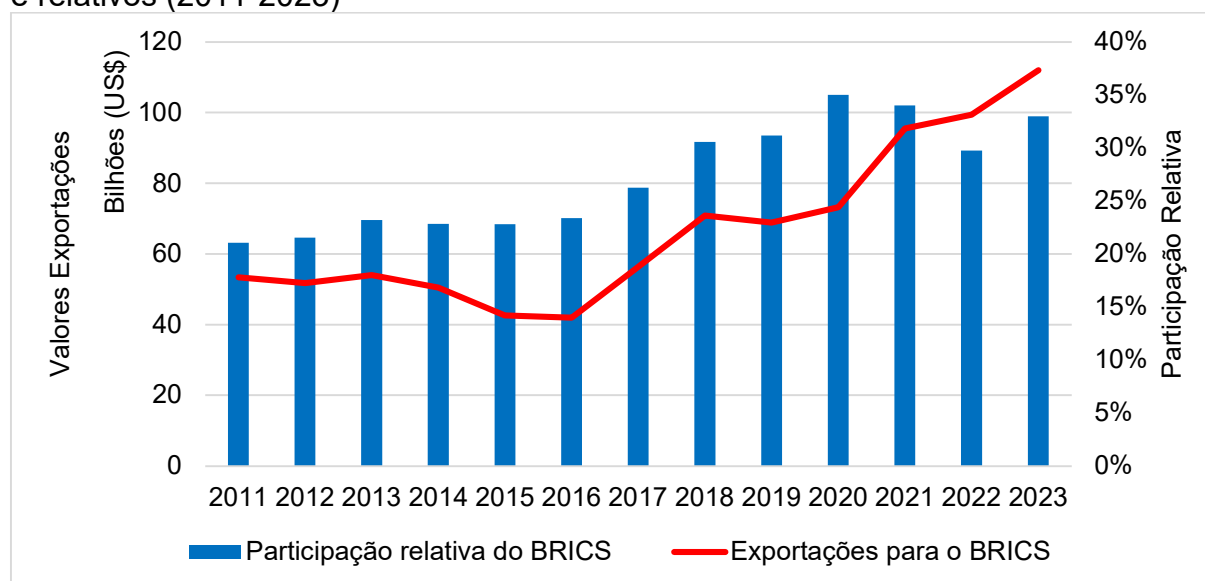
#### **3.1 PANORAMA GERAL DO COMÉRCIO INTERNACIONAL BRASIL-BRICS**

Esta seção busca apresentar o comércio brasileiro com os demais membros do BRICS, considerando a soma para o total dos países Rússia, Índia, China e África do Sul. Durante a série histórica analisada (2011-2023), com base nos dados disponibilizados pelo COMEX STAT (2025), a corrente de comércio do Brasil com o BRICS apresentou trajetória de expansão significativa. De um total de US\$ 96 bilhões no início da série, aumentou para mais de US\$ 182 bilhões em 2023. Esse crescimento evidencia a intensificação das trocas comerciais do Brasil com o bloco, consolidando-o como parceiro estratégico do Brasil e justificando uma análise mais detalhada da relação multilateral.

Nesse mesmo período, as exportações brasileiras com destino para os países do BRICS cresceram tanto em valores absolutos quanto em participação relativa do total exportado pelo país, como mostra o Gráfico 1. O gráfico de dois eixos apresenta essa trajetória, em que as colunas representam a participação do bloco dentro das exportações total do Brasil, enquanto a linha mostra o valor exportado ao BRICS.

No ano de 2011, o grupo representava 21,05% das vendas externas do Brasil, com cerca de US\$ 53 Bilhões. Apesar de algumas oscilações, a participação avançou ao longo do período, com crescimento mais acentuado a partir de 2016, alcançando em 2023 quase US\$ 112 Bilhões nas exportações, o que representa participação relativa de aproximadamente 32,97%.

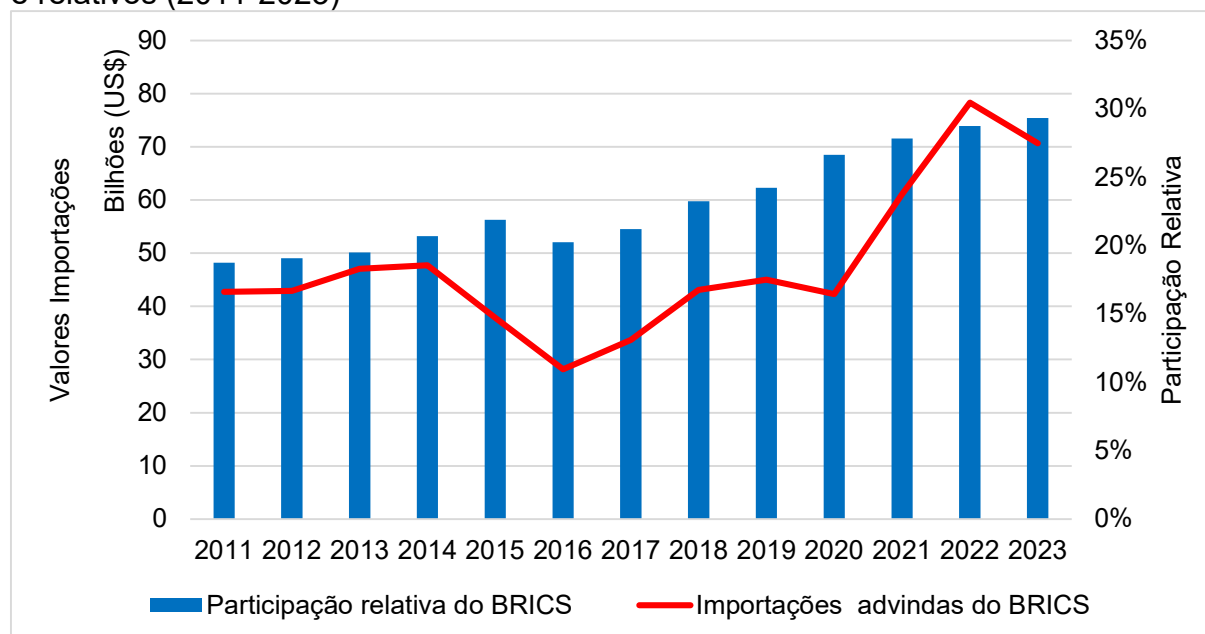
Gráfico 1 – Participação do BRICS nas exportações brasileiras em valores absolutos e relativos (2011-2023)



Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).

No mesmo período, as importações brasileiras advindas do BRICS também cresceram tanto em valores absolutos quanto em participação relativa no total importado pelo país, evidenciadas pelo Gráfico 2.

Gráfico 2 – Participação do BRICS nas importações brasileiras em valores absolutos e relativos (2011-2023)



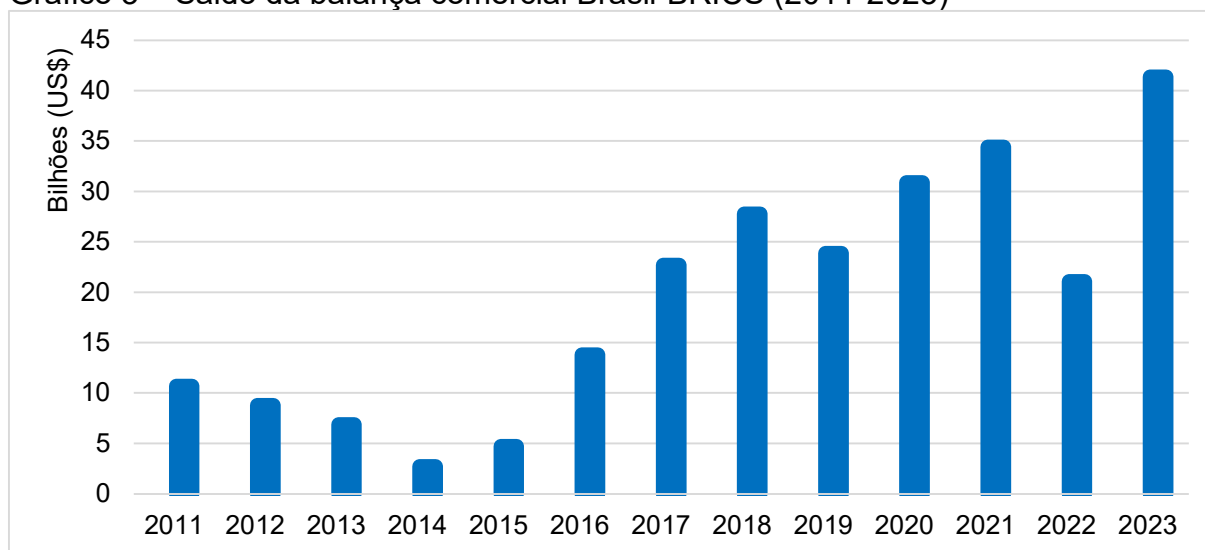
Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).



Em 2011, o BRICS representava cerca da 18,74% do total das importações brasileiras, movimentando US\$ 42 Bilhões. Observa-se um aumento gradual dessa participação nas importações, embora em valores absolutos tenham ocorrido maiores oscilações ao longo do período. Em 2023, as importações provenientes da aliança atingiram a marca de US\$ 70 Bilhões, o que representou aproximadamente 29,34% em termos relativos.

Ao considerar a balança comercial do Brasil com a aliança multilateral, no Gráfico 3, observa-se um saldo positivo para a balança brasileira desde 2011, embora, novamente, apresente algumas oscilações ao longo dos anos.

Gráfico 3 – Saldo da balança comercial Brasil-BRICS (2011-2023)



Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).

Iniciando em 2011 com US\$ 10 Bilhões, é perceptível um recuo no saldo até o ano de 2014, que apresentou-se positivo em aproximadamente US\$ 2,7 Bilhões. Logo em seguida, houve retomada na trajetória de crescimento do *superávit* da balança comercial brasileira, de modo que, no ano de 2016, o saldo atingiu US\$ 13 Bilhões.

Ressalta-se que, mesmo com a pandemia da Covid-19 em 2020, a balança comercial brasileira permaneceu favorável com o grupo, bem como também a pandemia não parece ter afetado significativamente o fluxo total das exportações e importações brasileiras com os parceiros.

Em 2021, as exportações líquidas atingiram US\$34,4 Bilhões, recuando em no ano seguinte em razão do rápido crescimento nas importações brasileiras, mas atingem o pico histórico de US\$ 41,36 Bilhões no ano de 2023. O *superávit* Brasil-BRICS neste ano adveio do maior fluxo das exportações em simultâneo a uma desaceleração nas importações.

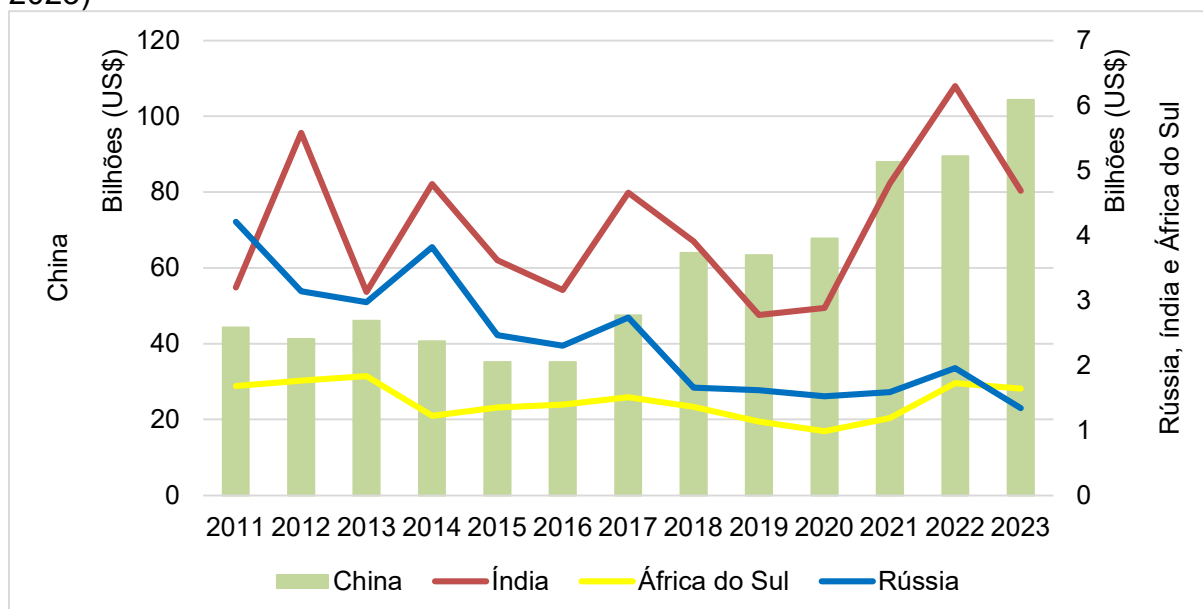
### 3.2 FLUXO COMERCIAL BILATERAL DO BRASIL COM OS MEMBROS DO BRICS

A análise individual do comércio brasileiro com cada um dos demais membros do BRICS permite evidenciar quais trajetórias se mostram mais expressivas perante o valor total observado pela soma do grupo.

No que se refere às exportações brasileiras, conforme Gráfico 4, há uma evidente concentração da participação da China como compradora, que se consolidou como principal destino ao longo de todo o período analisado.

O gráfico apresenta as exportações do Brasil para os países do BRICS entre 2011 e 2023, utilizando dois eixos verticais. O eixo da esquerda representa os valores das exportações para a China, enquanto o eixo da direita mostra os dados referentes à Rússia, Índia e África do Sul. Essa configuração foi necessária devido à grande disparidade no valor em bilhões de dólares exportados: historicamente a China recebe valores muito superiores em relação aos demais países do grupo. Assim, entendeu-se que isso possibilitaria evidenciar este parceiro ao mesmo tempo que proporcionaria melhor visualização das exportações para os demais países, que poderiam passar despercebidas se fossem representadas na mesma escala da China.

Gráfico 4 – Exportações bilaterais do Brasil para os demais países do BRICS (2011-2023)



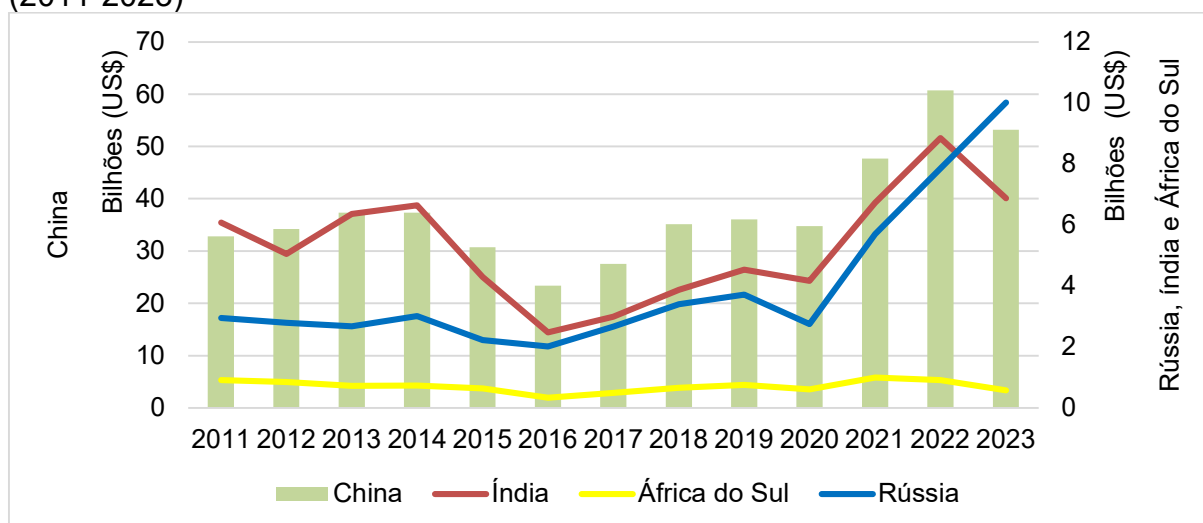
Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).

As exportações brasileiras, em 2011, foram aproximadamente US\$44 Bilhões em produtos para o mercado chinês, e em 2023 o valor mais que dobrou, atingindo a marca de US\$ 104,3 Bilhões. Esse crescimento estabeleceu a China como maior destino das exportações brasileiras perante os países do BRICS, enquanto Índia (US\$ 4,6 Bilhões), África do Sul (US\$1,6 Bilhões) e Rússia (US\$1,3 Bilhões) mantiveram participações moderadas neste último ano e relativamente estáveis ao longo da série.

Do mesmo modo, as importações brasileiras provenientes dos países do BRICS também apresentaram forte concentração da China, que se manteve como principal fornecedor em todo o período. O gráfico 5 é igualmente apresentado com o parceiro Chinês em eixo separado dos demais países.



Gráfico 5 – Importações bilaterais do Brasil advindas dos demais países do BRICS (2011-2023)



Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).

Mediante os dados, em 2011, o Brasil importou aproximadamente US\$ 32,8 Bilhões em produtos chineses e, em 2022, alcançou ápice de US\$ 60,7 Bilhões, embora no ano seguinte tenha diminuído esse valor para US\$ 53 Bilhões. Reiteradamente, a China assumiu a liderança na posição como a maior fornecedora das importações brasileiras dentre os países da cooperação, onde os demais países mais uma vez mantiveram sua participação significativamente em menor escala.

A Índia registrou o valor de US\$ 6 Bilhões exportados para o Brasil em 2011 e US\$ 6,8 em 2023, um crescimento estável comparado ao parceiro anterior, embora tenha apresentado grandes oscilações ao longo da série. A Rússia demonstrou um avanço mais expressivo saindo de US\$ 2,9 Bilhões, em 2011, para US\$ 10 Bilhões em 2023. A África do Sul, por sua vez, permaneceu com valores mais reduzidos, expressando a quantia de US\$ 0,9 e US\$ 0,57 Bilhões nos anos de 2011 e 2023 respectivamente.

Dessa forma, evidencia-se que, embora haja variações pontuais, a estrutura das importações brasileiras advindas do BRICS, assim como das exportações brasileiras para eles, também é marcada pela predominância chinesa, seguida por uma maior representatividade relativa da Índia, enquanto Rússia e África do Sul mantêm papéis secundários. Outro destaque refere-se novamente ao ano 2020, que, mesmo sendo uma situação de pandemia, não apresentou significativa variação para nenhum dos parceiros nos fluxos das exportações e das importações brasileiras.

### 3.3 ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PRODUTOS COMERCIALIZADOS

A evolução do comércio internacional brasileiro com os demais países do BRICS também pode ser estudada por meio dos principais produtos comercializados. Para isso, eles serão apresentados conforme a classificação do Sistema Harmonizado de quatro dígitos (SH4) em um comparativo do ano inicial da série, 2011, com o ano final da análise, 2023.

À luz dos dados do COMEX STAT (2025), o respectivo principal item exportado e importado brasileiro em relação a cada parceiro para o ano de 2011 é organizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Principais produtos exportados e importados do Brasil com o BRICS no ano de 2011

PAÍS	PRODUTOS EXPORTADOS (2011)	PRODUTOS IMPORTADOS (2011)
<b>CHINA</b>	Minérios de ferro e seus concentrados, incluídas as pirites de ferro ustuladas (cinzas de pirites) (Código SH4: 2601)	Aparelhos elétricos para telefonia ou telegrafia por fios, incluídos os aparelhos telefônicos por fio combinados com auscultadores sem fio e os aparelhos de telecomunicação por corrente portadora ou de telecomunicação digital; videofones (Código SH4: 8517)
<b>ÍNDIA</b>	Óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos (Código SH4: 2709)	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos; preparações não especificadas nem compreendidas noutras posições, contendo, em peso, 70 % ou mais de óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, os quais devem constituir o seu elemento (Código SH4: 2710)
<b>RÚSSIA</b>	Açúcares de cana ou de beterraba e sacarose quimicamente pura, no estado sólido (Código SH4: 1701)	Adubos (fertilizantes) minerais ou químicos, azotados (Código SH4: 3102)
<b>ÁFRICA DO SUL</b>	Carnes e miudezas comestíveis, frescas, refrigeradas ou congeladas, das aves da posição 0105 (Código SH4: 0207)	Hulhas; briquetes, bolas e combustíveis sólidos semelhantes, obtidos a partir da hulha (Código SH4: 2701)

Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).

O Brasil exportou cerca de US\$ 19,8 Bilhões em minérios de ferro (SH4: 2601) para a China, enquanto as importações foram lideradas por aparelhos de telecomunicações e videofones (SH4: 8517), que somaram US\$ 2,3 Bilhões as compras do país. A relação comercial bilateral é marcada pela troca de matérias-primas por bens industriais, com forte predominância chinesa na pauta.

Para os demais países do bloco, o Brasil exportou US\$ 1,7 Bilhões em petróleo bruto (SH4: 2709) para a Índia e US\$ 1,8 Bilhões em açúcares (SH4: 1701) para a Rússia. As importações desses países foram lideradas por óleos refinados (SH4: 2710) e fertilizantes (SH4: 3102), respectivamente, o que revela especializações distintas na composição comercial. Já com a África do Sul, o comércio envolveu US\$ 0,22 Bilhões em carnes de aves (SH4: 0207) nas exportações e US\$ 0,12 Bilhões em hulha (SH4: 2701) nas importações, sinalizando possíveis complementariedades produtivas entre os países.

Do mesmo modo, o respectivo principal item exportado e importado brasileiro em relação a cada parceiro para o ano de 2023 é organizado no Quadro 2.

Quadro 2 – Principais produtos exportados e importados do Brasil com o BRICS no ano de 2023

PAÍS	PRODUTOS EXPORTADOS (2023)	PRODUTOS IMPORTADOS (2023)
<b>CHINA</b>	Soja, mesmo triturada (Código SH4: 1201)	Díodos, transístores e dispositivos semelhantes com semicondutores; dispositivos fotossensíveis semicondutores, incluídas as células fotovoltaicas, mesmo montadas em módulos ou em painéis; díodos emissores de luz; cristais piezoelétricos montados (Código SH4: 8541)
<b>ÍNDIA</b>	Óleo de soja e respectivas frações, mesmo refinados, mas não quimicamente modificados (Código SH4: 1507)	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos; preparações não especificadas nem compreendidas noutras posições, contendo, em peso, 70 % ou mais de óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, os quais devem constituir o seu elemento (Código SH4: 2710)
<b>RÚSSIA</b>	Soja, mesmo triturada (Código SH4: 1201)	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos; preparações não especificadas nem compreendidas noutras posições, contendo, em peso, 70 % ou mais de óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, os quais devem constituir o seu elemento (Código SH4: 2710)
<b>ÁFRICA DO SUL</b>	Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, exceto óleos brutos; preparações não especificadas nem compreendidas noutras posições, contendo, em peso, 70 % ou mais de óleos de petróleo ou de minerais betuminosos, os quais devem constituir o seu elemento (Código SH4: 2710)	Platina, em formas brutas ou semimanufacturadas, ou em pó (Código SH4: 7110)

Fonte: Elaboração própria conforme dados do COMEX STAT (2025).

No ano de 2023, considerando o parceiro China, as exportações brasileiras somaram US\$ 38,9 bilhões em soja (SH4: 1201), enquanto as importações foram lideradas por dispositivos semicondutores e células fotovoltaicas (SH4: 8541), com cerca de US\$ 4 bilhões. Com a Índia, o Brasil exportou US\$ 1,2 bilhão em óleo de soja (SH4: 1507) e importou aproximadamente US\$ 0,87 Bilhões em óleos de petróleo (SH4: 2710). Para a Rússia, destacam-se US\$ 0,61 bilhões em soja (SH4: 1201) nas exportações e US\$ 5,2 bilhões em derivados de petróleo (SH4: 2710) nas importações. Para a África do Sul, o Brasil exportou US\$ 0,24 Bilhões em óleos

refinados (SH4: 2710) e importou US\$ 0,13 bilhões em platina (SH4: 7110) (COMEX STAT, 2025).

A comparação entre os dois períodos permite observar a permanência de padrões comerciais consolidados, como a liderança da China e a especialização dos demais países em setores específicos. Os dados do sistema de estatística do comércio exterior brasileiro permitem identificar essas tendências e compreender a evolução da pauta comercial brasileira dentro do BRICS ao longo do período analisado.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa buscou analisar a evolução do comércio internacional entre o Brasil e os demais países integrantes do BRICS, Rússia, Índia, China e África do Sul, no período de 2011 a 2023, com base nos dados do COMEX STAT e de um complemento bibliográfico. O foco ocorreu em compreender a dinâmica das exportações, importações e principais produtos comercializados com cada país, bem como avaliar a relevância do bloco para o país.

A análise evidenciou que, ao longo da série histórica, o comércio multilateral apresentou uma trajetória de crescimento, consolidando o BRICS como um parceiro estratégico para a economia brasileira.

Entretanto, os resultados também mostraram uma significativa assimetria na dinâmica comercial. A China concentrou a maior parte das exportações brasileiras que passaram de US\$ 44 Bilhões em 2011 para mais de US\$ 104 Bilhões em 2023, além de manter-se como principal origem das importações brasileiras. Em contrapartida, Índia, Rússia e África do Sul, permaneceram com participações secundárias, respectivamente desta ordem de relevância, e especializadas em setores específicos.

Essa configuração confirmou a hipótese inicial de que a inserção brasileira no bloco esteve marcada pela presença do mercado chinês e que a dependência em relação ao comércio bilateral com o mesmo configura-se como um ponto de atenção.

É possível observar que a relação Brasil-China amplia a presença brasileira no comércio exterior e ajuda a consolidar ganhos expressivos em setores como a soja e minério de ferro. Ainda assim, a concentração das trocas em um único parceiro também ressalta a necessidade de fortalecer a participação com os demais integrantes do BRICS, de modo a diversificar a pauta comercial e reduzir potenciais vulnerabilidades externas.

Nesse sentido, a relação Brasil-China mostrou-se simultaneamente como um motor de crescimento e como um sinal de alerta para a necessidade de formulação estratégicas mais equilibradas dentro da aliança, que sejam capazes de fortalecer tanto as integrações bilaterais, quanto intensificar a autonomia da política comercial brasileira.

## REFERÊNCIAS

APPLEYARD, D. R.; FIELD JUNIOR., A. J.; COBB, S. L. **Economia internacional**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. p. 24–39.

BRICS. **Sobre o BRICS**. 2024. Disponível em: <https://brics.br/pt-br/sobre-o-brics>. Acesso em: 06 out. 2025.

COMEX STAT. **Sistema de estatísticas de comércio exterior**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br>. Acesso em: 06 out. 2025.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M.; MELITZ, M. J. **Economia internacional**. 10. ed. São Paulo: Pearson Education, 2015. p. 67.

MOLIN, E. D. D.; CASTELLI, Y. L. P.; LUZ, E. de N. O papel dos BRICS nas relações diplomáticas entre Brasil e China. **Idéias**, Campinas, SP, v. 10, p. 1-19, e019007, 2019. DOI: 10.20396/ideias.v10i0.8656201. Acesso em: 06 out. 2025.

O'NEILL, J. **Building Better Global Economic BRICs**. Londres: Goldman Sachs Research, 2001. Disponível em: <https://www.goldmansachs.com/insights/goldman-sachs-research/building-better>. Acesso em: 28 ago. 2025.

QUERINO, A. C.; CRUZ, J. M.; CALEGARIO, G. M. Estudo sobre as vantagens comparativas reveladas do Brasil no acrônimo BRICS. **Revista de Administração da Região Amazônica – RARA**, Porto Velho, v. 5, n. 1, p. 1–20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/rara/article/view/6513/4421>. Acesso em: 9 out. 2025.

SANTIAGO, J. M.; GAJO, F. F. S. A importância do bloco econômico BRICS para a economia brasileira. In: JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA, 16.; SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO DO IFSULDEMINAS, 13., 2024, Carmo de Minas. **Anais....** Carmo de Minas: Instituto Federal do Sul de Minas Gerais, 2024. Disponível em: <https://josif.ifsuldeminas.edu.br/ojs/index.php/anais/article/view/2244/1751>. Acesso em: 06 out. 2025.